

09

Um novo testemunho da versão *memórias da Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d'el-Rey D. Sebastião*

Elena Lombardo
Universidade de Lisboa

Resumo Este artigo dá a conhecer um novo testemunho da versão *memórias* da *Crónica do Xarife Mulei Mahamed e d'el-Rey D. Sebastião* (CXMM), conservado no códice Casa Palmela, Liv. 210 (T). Após uma breve contextualização acerca da tradição manuscrita da CXMM, apresentam-se algumas observações de caráter codicológico e paleográfico que permitem situar a provável data de cópia do manuscrito entre as décadas de 1660 e 1670. A colação com os restantes testemunhos conhecidos da versão *memórias* sugere que T pertence ao ramo μ3 da tradição, mostrando proximidade com A₄ e, em diversos aspectos, afinidades com A₂. A análise das variantes permitiu não só reavaliar hipóteses anteriores de contaminação textual (Lombardo, 2025), como também propor uma atualização do *stemma codicum*, assim contribuindo para um conhecimento mais aprofundado da transmissão manuscrita da *Crónica*.

Palavras-chave textos historiográficos da Idade Moderna; D. Sebastião (1554-1578); tradição manuscrita; colação; crítica textual.

Sumário 1. Introdução. 2. Observações codicológicas. 2.1. Composição. 2.1.1. Material do suporte. 2.1.2. Marcas de água. 2.1.3. Sistemas de referência. 2.2. Organização da página. 2.3. Decoração. 2.4. Encadernação. 2.5. Descrição paleográfica. 2.6. Conteúdo. 2.7. Balanço. 3. *Collatio codicum*. 4. Considerações finais. Referências bibliográficas.

A New Witness of the *Memórias* Version of the *Crónica do Xarife Mulei Mahamed e d'el-Rey D. Sebastião*

Abstract This article introduces a newly identified witness of the *memórias* version of the *Crónica do Xarife Mulei Mahamed e d'el-Rey D. Sebastião* (CXMM), preserved in the codex Casa Palmela, Liv. 210 (T). Following a brief contextual overview of the manuscript tradition of the CXMM, the study presents a number of codicological and palaeographical observations which suggest that the manuscript was likely copied between the 1660s and 1670s. Collation with the other known witnesses of the *memórias* version indicates that T belongs to the μ3 branch of the tradition, showing close affinities with A4 and, in various respects, with A2. The analysis of textual variants has made it possible not only to reassess earlier hypotheses of textual contamination (Lombardo, 2025), but also to propose an updated *stemma codicum*, thereby contributing to a deeper understanding of the manuscript transmission of the *Crónica*.

Keywords Early Modern historiographical texts; King D. Sebastian of Portugal (1554-1578); manuscript tradition; collation; textual criticism.

Contents 1. Introduction. 2. Codicological Observations. 2.1. Composition. 2.1.1. Writing Support Material. 2.1.2. Watermarks. 2.1.3. Reference Systems. 2.2. Page Layout. 2.3. Decoration. 2.4. Binding. 2.5. Palaeographical Description. 2.6. Contents. 2.7. Summary Assessment. 3. *Collatio codicum*. 4. Final remarks. References.

1.

Introdução

A *Crónica do Xarife Mulei Mahamed e d'el-Rey D. Sebastião* (CXMM) é um relato historiográfico anónimo, de finais de Quinhentos, sobre a segunda jornada de África de D. Sebastião (n. 1554 – m. 1578) e a batalha de Alcácer-Quibir (1578). Um primeiro testemunho do texto, o MSS. 2422 da Biblioteca Nacional de Espanha (M), foi identificado e editado com grafia modernizada por Francisco de Sales Loureiro (Sales Loureiro, 1987). Posteriormente, em 2015, apresentei a edição semidiplomática de um segundo testemunho, o COD. 13282 da Biblioteca Nacional de Portugal¹ (L₁). Mais recentemente, dediquei à CXMM um estudo aprofundado (Lombardo, 2025), em que divulguei seis novos testemunhos, analisei a sua transmissão manuscrita e apresentei a edição semidiplomática digital² de todos os testemunhos até então conhecidos. Para além de M e L₁, já mencionados, trata-se do códice CIII/1-14 da Biblioteca Pública de Évora³ (E), do manuscrito avulso 51-X-10, num. 156 (A₁) e dos códices 49-XII-1 (A₂), 49-XI-75 (A₃) e 49-XI-77 (A₄) da Biblioteca da Ajuda⁴, e do códice A.T./L. 57 da BNP (L₂). Todos os manuscritos datam de entre os séculos XVII e XVIII – designadamente:

- A₂: primeira metade do século XVII;
- L₁ e M: cerca de 1650;
- A₃: último quartel do século XVII;
- A₄: cerca de 1720;
- A₁: cerca de 1730;
- E: entre 1720 e 1737;
- L₂: primeira metade do século XVIII.

Os manuscritos conservam três versões do texto da CXMM, que identifiquei com base nos títulos dos respetivos testemunhos:

- *Sumario* – transmitido pelos testemunhos M e L₁, intitulados *Sumário de todas as cousas sucedidas, em Berberia, desde que começou a reinar o Xarife Mulei Mahamed no ano de 1573 até o fim do ano da sua morte 1578, no dia da Batalha de Alcácer-Quibir em que se perdeu D. Sebastião rei de Portugal*⁵;
- *Historia* – transmitida pelo testemunho E, intitulado *Historia da Jornada Del Rey Dom Sebastião a Africa causa, e successos lastimozos della*;
- *memórias* – transmitidas pelos testemunhos A₁, A₂, A₃, A₄ e L₂. Destes, A₃ e A₄ apresentam o título *Coisas principais que sucederam, em Portugal, em tempo d'el-rei D. Sebastião, tirada pelo Dr. Fr. Bernardo de Brito dos mais verdadeiros originais e certas relações que se puderam haver em cada matéria que se trata*⁶.

1 Doravante, BNP.

2 Disponível em <http://teitok.clul.ul.pt/psm/index.php?action=home>. Último acesso a 23 de maio de 2025.

3 Doravante, BPE.

4 Doravante, BA.

5 A grafia desta citação foi regularizada por não se tratar de referência a um testemunho específico do texto.

6 Cf. nota 6.

Acerca da relação entre tais versões, defendi (Lombardo, 2025) que a *Historia* contém os vestígios de duas fontes de autores diferentes, reunidas para serem refundidas numa crónica sobre a segunda Jornada a África; o *Sumario* representa uma versão abreviada do conteúdo da *Historia*; e as *memórias* são constituídas por apontamentos tomados, provavelmente, com base num testemunho próximo da *Historia*, com vista à preparação de uma crónica sobre D. Sebastião. Em dois dos testemunhos, como se viu, a coleção de materiais é atribuída ao cronista Fr. Bernardo de Brito (1569-1617)⁷. No grupo de testemunhos que transmitem esta versão, A₂ destaca-se por omitir e reorganizar os conteúdos presentes nos demais e por um estilo mais linear, assim sugerindo que possa constituir uma segunda redação das *memórias*.

As análises expostas em Lombardo (2025) permitiram, igualmente, avançar uma proposta de *stemma codicum*. No grupo das *memórias*, identifiquei a existência de três ramos principais, constituídos, respetivamente, por A₂; por A₁ e A₃; e por A₄ e L₂. Mantêm-se algumas dúvidas em relação ao parentesco entre A₁ e A₃, mas é provável que A₁ não tenha sido copiado de A₃ e os dois descendam de um antecedente comum. Já no que diz respeito a A₄ e L₂, os resultados da colação apontam inequivocamente para uma ascendência comum, sem que nenhum dos dois tenha servido de modelo para o outro. Para além disto, observei que três dos testemunhos desta família apresentam variantes intencionais, reveladoras da pretensão de melhorar o texto do respetivo antígrafo. Por fim, encontrei algumas variantes, no testemunho A₄, que sugerem contaminação com outro testemunho, próximo de A₂.

O estudo apresentado em 2025 nasceu da necessidade de ampliar e sistematizar o conhecimento disponível sobre as crónicas sebásticas em geral e, em particular, sobre a tradição manuscrita da CXMM. Seis dos testemunhos aí descritos, como se viu, foram identificados no decurso da própria investigação: o testemunho E, em 2017; A₁ e A₂, em 2020; A₃ e A₄, em 2021; e L₂, em 2023. Neste contexto, a identificação de um novo testemunho, em 2024 – já após a conclusão do estudo, no âmbito das investigações em curso no projeto *Sebástica Manuscrita*⁸ – não constituiu propriamente uma surpresa.

O códice Casa Palmela, Liv. 210 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa, Portugal) contém mais um testemunho da versão *memórias* do texto da CXMM. O códice é intitulado *Copia das couzas principais que succederão em Portugal / em tempo d' El Rey Dom Sebastião // Tiradas pello Douctor Fr. Bernardo de Brito / dos mais verdadeiros originais, e certas rel/laçoēs que se puderaõ hauer em cada matteria q/ se trata* e contém, tal como os demais deste grupo, um conjunto de memórias sobre o reinado de D. Sebastião. Numa análise paleográfica superficial, a letra utilizada pode ser datada de entre os séculos XVII e XVIII.

Nas páginas seguintes, apresentarei alguns dados materiais que poderão contribuir para uma datação mais precisa do manuscrito e oferecer subsídios relevantes para a História do Livro na Idade Moderna. Procurarei igualmente situar, por meio de colação, o novo testemunho – doravante referido como T – no contexto da tradição manuscrita da *Crónica*, tal como delineada em Lombardo (2025).

7 Relativamente à possibilidade de verificar esta atribuição, consultem-se os trabalhos de Garcia (2011: 377-378) e Lombardo (2025: 244-245).

8 Sobre o projeto, cf. Lombardo e Moreira (2019).

2.

Observações codicológicas

O manuscrito encontra-se à guarda do seu proprietário – o 7º Duque da Casa Palmela, D. Pedro Domingos de Sousa e Holstein Beck. A descrição aqui apresentada baseia-se na bibliografia existente⁹ e na observação do microfilme disponibilizado pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo¹⁰ – instituição onde o códice esteve depositado entre 2000 e 2006¹¹. A estrutura adotada segue o esquema proposto para a descrição codicológica dos demais testemunhos da CXMM¹², embora com adaptações decorrentes da natureza do presente texto e das limitações impostas pela impossibilidade de observação direta do códice.

2.1. Composição**2.1.1. Material do suporte**

O códice é composto por 198 fólios não numerados; os últimos três encontram-se em branco. O primeiro fólio, que funciona como contraguarda, apresenta o título, já referido acima, “Copia das couzas principais que sucederaõ em Portugal / em tempo d'El Rey Dom Sebastiaõ // Tiradas pello Douctor Fr. Bernardo de Brito / dos mais verdadeiros originais, e certas rel/laçoẽs que se puderaõ hauer em cada matteria q̄ se trata”. Acima do título, observam-se anotações que parecem corresponder a antigas cotas: “N. 20”, “E.” e “C.to n. 4” (Figura 1).

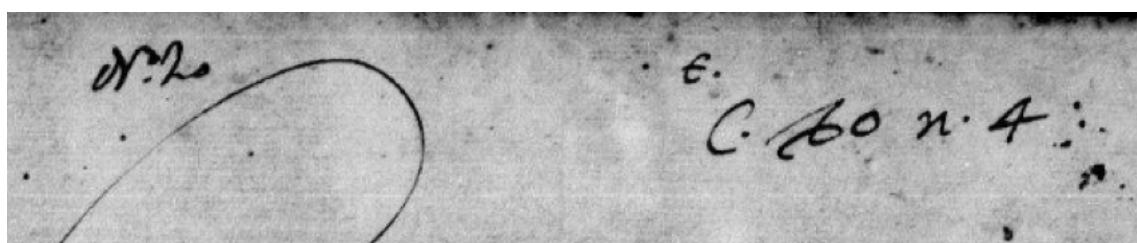


Figura 1. Anotações na margem de cabeça da contraguarda anterior

As folhas são em papel, com marcas de água visíveis no centro da página. Embora não seja possível confirmá-lo através das medidas das folhas, a posição das marcas permite supor que o formato do códice seja o *in-folio*. O papel, conforme se verifica mesmo na digitalização, apresenta sinais de desgaste normais (furos de papirófagos, dobras no papel e alguns borrões de tinta) que não comprometem a leitura do texto.

9 Farinha *et al.* (2005) e Portugal. Instituto Português de Arquivos (1990).

10 Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/documentDetails/a0ac40181d064f0cbb9ccf30f86a0d59>. Último acesso a 20 de maio de 2025.

11 <https://inventarq.fcsh.unl.pt/index.php/arquivo-da-casa-de-palmela>.

12 Lombardo (2025). A descrição articula-se em: A) dados identificativos de cada códice (local e instituição de guarda, cota, data de produção, título, conteúdo resumido do códice, *incipit* e *explicit* do mesmo); B) descrição material, articulada na análise de: a) composição: material do suporte escritório, número de fólios, composição do resguardo; marcas de água; cadernos; sistemas de referência utilizados (foliação e presença de eventuais erros ou ausência de fólios, reclamos, assinaturas, manchetes, epígrafes, índices, etc.); b) organização da página; c) decoração; d) estado de conservação e marcas de uso; e) encadernação; f) aspectos paleográficos; C) uma descrição discursiva do conteúdo do códice, acompanhada pelo índice completo do mesmo; D) uma secção sobre a história do códice; E) a indicação da existência de bibliografia sobre o códice e/ou os textos aí copiados.

2.1.2. Marcas de água

Embora dispondo apenas da digitalização, a presença de alguns fólios em branco permitiu distinguir com relativa clareza o desenho da marca de água que, aparentemente, ocorre ao longo de todo o códice, posicionada no centro das páginas. Classifiquei o desenho, de acordo com o padrão estabelecido para as demais marcas da CXMM¹³, como GF_66 (Figura 2). Trata-se de uma figura constituída por uma circunferência encabeçada por coroa de marquês; no interior desta, encontra-se uma cruz; em baixo, encontra-se o escudo de armas da Itália, ladeado por festões; em baixo deste, há uma circunferência com as letras maiúsculas "EP" (motivo T1/2 do *International Association of Paper Historians* – IPH)¹⁴. Mesmo que não seja possível verificar as medidas e a distância das linhas de água, as características gerais do desenho correspondem à marca do *Gravell Watermark Archive*¹⁵ ARMS.090.1 (Figura 3)¹⁶, datada de 1664. Outra figura análoga, que se diferencia desta por apresentar o desenho da meia-lua no primeiro círculo (Gravell, ARMS.053.1 – Figura 4)¹⁷, é datada, igualmente, de 1670.



Figura 2. Marca de água GF_66



Figura 3. Marca de água Gravell ARMS.090.1



Figura 4. Marca de água Gravell ARMS.053.1

2.1.3. Sistemas de referência

A digitalização do códice não revela qualquer sistema de foliação visível, nem se observam reclamos. A numeração dos fólios referida ao longo deste trabalho baseia-se, portanto, numa contagem manual, considerando-se como fl. 1 o primeiro que contém texto. O fólio do título (contraguarda anterior) permanece, assim, convencionalmente sem numeração.

13 Cf. Lombardo (2025: 38).

14 O padrão de descrição proposto pela IPH inclui uma classificação alfanumérica de desenhos de marcas de água. No caso de T1/2, o primeiro elemento (a letra) indica o desenho central da marca (T: Heráldica; Escudos; Marcas de Canteiro ou de Comércio), enquanto os demais indicam os traços adicionais e as variantes: o segundo elemento (o primeiro número) é a subclasse (1: Escudo; brasão) e o terceiro o subgrupo (2: Escudo (brasão) identificado: países, cidades e famílias). O padrão é aberto e pode ser ampliado conforme as necessidades dos diferentes projetos; cf. a proposta descrita em Santos (2015: 69-77).

15 Cf. a página do projeto: <https://www.gravell.org/index.php>. Último acesso a 14 de maio de 2025.

16 Disponível em <https://memoryofpaper.eu/gravell/record.php?RECID=1066>. Último acesso a 14 de maio de 2025.

17 Disponível em <https://memoryofpaper.eu/gravell/record.php?RECID=742>. Último acesso a 14 de maio de 2025.

2.2. Organização da página

O texto está organizado numa só coluna, compacta, de dimensões variáveis (entre 32 e 40 linhas por página). O fl. 10r encontra-se propositadamente em branco: o copista assinalou-o com três linhas onduladas verticais. O fl. 101v também está em branco, aparentemente sem perda textual¹⁸.

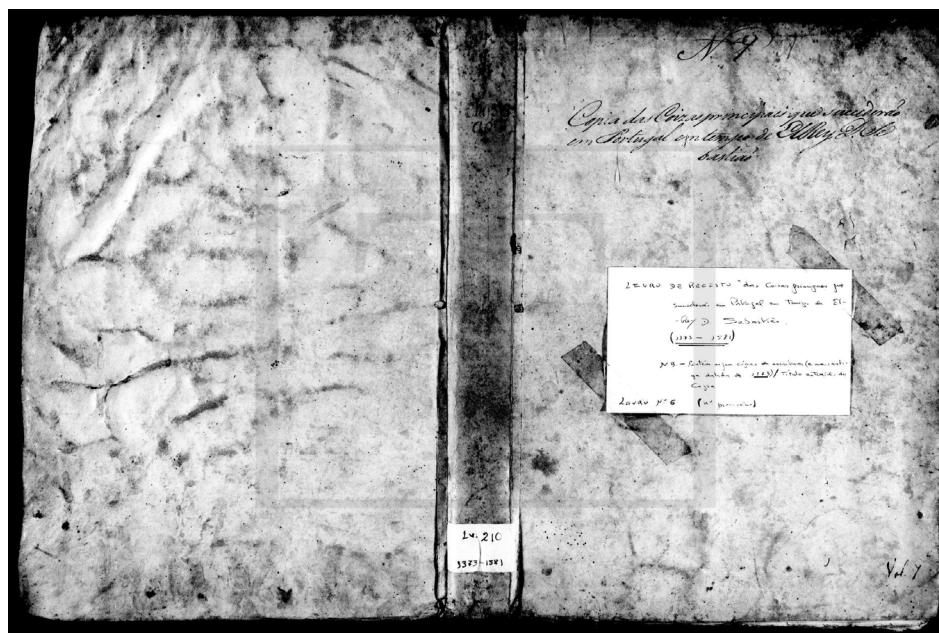
Os parágrafos são assinalados por manchetes, iniciais maiúsculas de módulo maior, com laçadas que se debruçam nas margens e espaço interlinear aumentado.

2.3. Decoração

Não existem decorações, excetuando os ornamentos da letra utilizada para o texto.

2.4. Encadernação

O códice aparenta ter encadernação em pergaminho (Figura 5). No plano anterior, foi reportado o título “Copia das Coizas principaes que succederão / em Portugal em tempo de El Rey D. Se/bastiaõ”, em letra do século XVIII-XIX. Acima, próximo da margem de cabeça, lê-se “N. 9 A” e, no canto inferior direito, “Vol. 7”. Nos limites de goteira são, ainda, visíveis os vestígios de dois fechos em couro. A lombada também apresenta uma inscrição na vertical (Figura 6) que, todavia, não se consegue ler claramente na digitalização (“† D. St. ao”?).



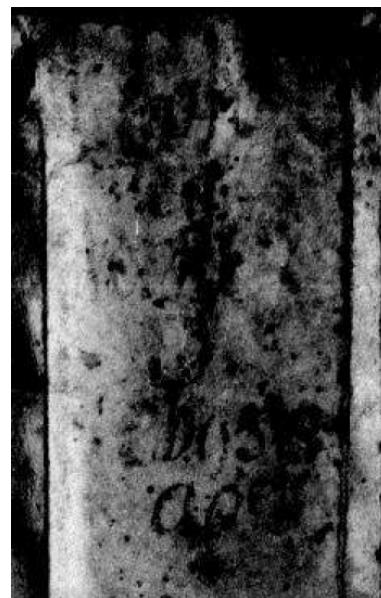


Figura 6. Inscrição na lombada

Na contracapa anterior, junto à margem de cabeça, observa-se uma inscrição ("Gaveta 2^a N. 9") que foi substituída por outra ("B. B. 17-15"), sobreposta à anterior. Ainda na contracapa, é visível um pedaço de papel mais claro na parte direita da imagem (Figura 7), que evidencia a existência de duas folhas, coladas uma por cima da outra. Para além disso, no centro da página, distingue-se a mesma marca de água presente nas folhas do miolo (GF_66). Embora seja provável que a marca pertença à folha primitiva, não é possível afirmá-lo com total segurança sem uma observação presencial do códice; confirmando-se, seria um indício de que a encadernação e a cópia do texto foram realizadas no mesmo período.

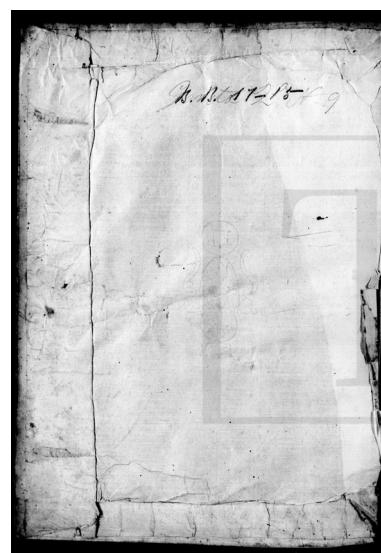


Figura 7. Contraguarda anterior (detalhe)

Na contraguarda anterior, abaixo do título, e na margem de goteira do fl. 1r, observa-se (Figura 8) o carimbo de D. Pedro De Sousa Holstein, I Duque de Palmela (1781-1850).



Figura 8. Carimbo de D. Pedro De Sousa Holstein (1781-1850)

2.5. Descrição paleográfica

O códice apresenta intervenções de uma só mão, que é responsável pelo texto, notas marginais e título no resguardo. As notas marginais consistem em manchetes¹⁹, acrescentos de partes do texto e menções técnico-pessoais²⁰. Com base na digitalização, não é possível perceber se foram adicionadas contextualmente à cópia ou num segundo momento.

A escrita (Figura 9) é moderna, moderadamente cursiva (ou cursiva comum, seguindo a classificação proposta por Eduardo Borges Nunes)²¹. O módulo é pequeno, e as hastes e caudas têm duas ou três vezes o tamanho do corpo da letra. As saídas e os ataques de letras entram frequentemente no espaço das margens, com laçadas e ornamentos ostentados. A pena abre em alguns traços e observam-se algumas letras tendencialmente *testeggiate*, criando contraste. As letras têm uma inclinação de escrita²² de entre 45º e 50º. O regramento ideal, por sua vez, mantém-se bastante regular.

19 Este termo é um decalque do francês “manchette”, que, de acordo com o *Vocabulaire codicologique* de Muzerelle (1985, ref. 333.09) indica uma “inscription marginale permettant l’identification d’un passage particulier du texte : sous-titre, incipit, numérotation des éléments d’un exposé en plusieurs points, indication du sujet traité, autorité citée...”. Outros autores, como por exemplo Teresa Brocardo (1997, p. 48), utilizam o termo “tópico”.

20 Com base nas distinções de Jacques Lemaire (1989: 165-174), propus este termo em Lombardo (2025: 124) para designar os comentários, acrescentos de tema histórico e lembretes destinados aos compiladores/copistas das *memórias*.

21 Nunes (1969: 19).

22 A inclinação da escrita é medida pelas hastes das letras em relação à linha de escrita. Já o ângulo de escrita “hace referencia a la posición en la que se encuentra situado el instrumento gráfico en relación con la línea de escritura. Este ángulo no sólo es el constituido por la pluma u otro instrumento escriptorio, sin que influyen también la inclinación del soporte del escriba, la posición de la hoja y los ángulos formados por la talla del bisel de la pluma” (Cadarso e Moreno, 2004: 313).

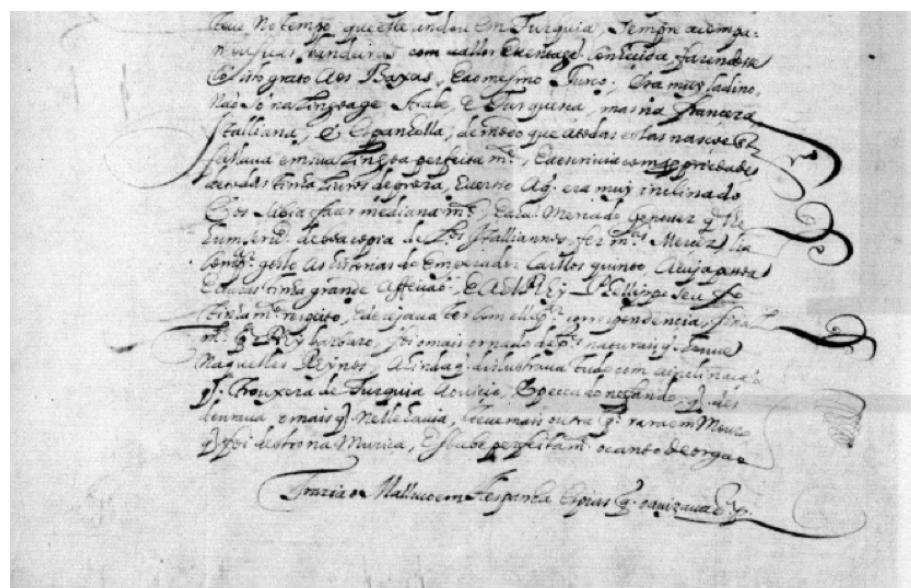


Figura 9. Aparência da letra utilizada no testemunho T (fl. 75v)

2.6. Conteúdo

O *incipit* é "Mandou a Raynha em hum caraueilaõ a Diogo Telles..." e o *explicit* "...Regis notarius q.e scripcit". O códice contém um conjunto de traslados de documentos do século XVI relativos à vida e ao reinado de D. Sebastião. Em Lombardo (2025: 142-144), identifiquei alguns núcleos temáticos, que não serão aqui retomados para evitar repetições. Os materiais ligados à CXMM encontram-se entre os fólios 42v-45v e 49r-85v, com o *incipit* "Dom James yrmaõ do Duque de Bragança..." e o *explicit*: "...em ser a jornada por terra". Para além dos documentos referentes a D. Sebastião, entre os fólios 194v e 195r, o códice inclui, ainda, a cópia de dois episódios monásticos e um excerto, em latim, sobre Pelágio das Astúrias (*incipit*: "Era 729 Pelagius Fafila filius persictionis..."; *explicit*: "...de obseruante stirpe Gothorum"), concluindo-se com uma cópia da carta de doação do Mosteiro de Seiça (Figueira da Foz) à Abadia de Santa Maria de Alcobaça (d. 1196).

2.7. Balanço

Embora estas breves notas não substituam uma análise codicológica presencial e rigorosa, permitem, ainda assim, avançar algumas hipóteses. Com efeito, a observação da letra utilizada e a datação das marcas de água sugerem que o códice tenha sido copiado na segunda metade do século XVII, provavelmente em torno das décadas de 60 ou 70. A presença, no resguardo, da mesma marca de água observada nas folhas do miolo pode significar que a encadernação seja contemporânea da cópia. Por fim, o carimbo existente nos fólios iniciais indica que o códice foi integrado na biblioteca da Casa de Palmela aquando da instituição do respetivo ducado, no século XVIII.

3.

Collatio codicum

Definido, com base nas observações acima, um enquadramento cronológico mais preciso, é possível passar à análise do conteúdo textual de T, colacionando-o com os demais testemunhos das *memórias*. Um primeiro ponto a salientar é que o testemunho T não contém nenhum dos erros que conjungem A₁ e A₃, separando-os de A₄ e L₂. Para o ilustrar, bastarão dois exemplos:

A ₁	A ₂	A ₃	A ₄	L ₂	T
Alexandre Moreira, o Gama, Diogo Lopes, Joaõ Gonçalvez de Azeudo, e o Sargento mor dos castelhanos (fl. 13r)	o Capitão Alexandre moreira, o Gama, Pedro Lopez, Joaõ Gonçalvez de azeuedo: e o sargento major dos Castelhanos (fl. 114r)	Alexandre moreira o Gama, Diogo Lopez, Joaõ Gonçalvez de azeuedo: e o sargento major dos Castelhanos (fl. 43v)	Alexandre Moreira o Gama Pedro Lopes, Joaõ Gonçalvez de Azeudo, e o Sargento mayor dos Castelhanos (fl. 66r)	Alexandre Moreira o gama, Pedro Lopes, Joaõ gonsalues de Azeudo, e o sargento mayor dos castelhanos (fl. 51r)	Alexandre Moreira, O Gama, Pedro Loppez, João Gonçalvez de Azeuedo, E o sargento mayor dos Castelhanos (fl. 49v)
e a visita recebeo esta senhora com muyta descriçaõ, vindo beijaraõ por sua parte os parentes do Capitam e seus a maõ a El Rey na vltima porta (fl. 20r)	e a vizita recebeo esta senhora com muita descriçaõ, vindo beijar a maõ à El Rey na vltima porta, como tambem lha beijaraõ por parte de Dom Duarte e sua, os parëtes de ambos (fl. 106r)	e a vizita Recebeo esta senhora com muita descriçaõ vindo beijaraõ por sua parte os parentes do Capitam, e seus a maõ a El Rey na vltima porta (fl. 55v)	e a visita recebeu esta senhora com muita descriçao vindo beijar a maõ a El Rey na ultima porta como tambem lha beijaraõ por sua parte os Parentes do Capitaõ e seos (fl. 83v)	e a vizita resebeo esta senhora com muita discrissão vindo beijar a maõ a El Rey na ultima porta como taõbem lhe beijaraõ por sua parte os parentes do Capitaõ e seos (fl. 64r)	e a uizita recebeo esta senhora com muyta descriçaõ uindo beijar a mão a El Rey na ultima porta, como tambem lhe beijaraõ por sua parte os parentes do Cappaõ, E seus (fl. 63r)

Em contrapartida, T partilha com A₄ e L₂ diversos erros que os separam do ramo de A₁ e A₃.

A ₁	A ₂	A ₃	A ₄	L ₂	T
Ao nosso campo vinhaõ muytos mouros da serra de Farrobo (fl. 21r)	Ao nosso campo vinhaõ muitos Mouros da serra do Farrobo , vender mäitamentos (fl. 106v)	Ao nosso campo vinhaõ muitos mouros da serra de farrobo vender mantimentos (fl. 55r)	Ao nosso campo vinhaõ muitos mouros da Serra de Farrotto a vender mantimentos (fl. 84v)	Ao nosso campo vinhaõ muitos Mouros da serra de Farrato A uender mantimentos (fl. 65r)	Ao nosso campo uinhaõ muytos mouros da çerra de Farroto vender mantimentos (fl. 63v)
sem o homem nunca perder a cellada (fl. 28r)	ate que se dezem- baraçou sem o homem perder a sellia (fl. 119v)	sem o homem nunca perder a selia (fl. 67r)	sem o homem nunca perder a tela (fl. 99v)	sem o homem nunca perder a tella (fl. 75v)	sem o Homẽ nun- qa perder a tella (fl. 74v)

Assim sendo, T pode ser associado ao ramo μ₃ da tradição. A colação indica, também, que existem muitas variantes equipolentes e alguns erros comuns a A₄ e T.

A ₁	A ₂	A ₃	A ₄	L ₂	T
acabaraõ de benzer a bandeira, e a quizeraõ meter na haste com pouca aduertencia viraõ ao desenrrolar, que fiquaua o Crucifixo com a cabeça para baixo, e o escudo das quinas ao reues, e tornando a tirar , e por como conuinha, depois de entregue por El Rey ao Alferes mor, comecando elle a caminhar embiquou com ella duas uezes (fl. 19r)	Acabada de benzer a Bandeira, a quizeraõ meter na astea, o que se fez com taõ pouca advertencia, que ao dezenrrolar, se vio ficar o Cruzifixo, E escudo Real cõ a cabeca para baixo, E ao reves. Tornou se a compor como conuinha E entregue ao Alferez, começando a caminhar cõ ella, embicou duas vezes (fl. 103v)	acabaraõ de Benzer a Bamdeira, e a quizeraõ meter na Aste, com poca aduertençia uiraõ ao dezenrrolar que ficaua o crucifixo com a cabeça para baixo, e o escudo das quinas ao Reues. e tornando a tirar e por como conuinha depois de entregue por El Rey ao Alferes mor comessando elle a caminhar embicou com ella duas uezes (fl. 53v)	acabada de benzer a Bandeira, e a quizeraõ meter na aste com pouca advertencia, viraõ ao desenrrolar, que ficava o Cruzifixo com a cabeça para baixo, e o escudo das Quinas ao revez, e tornando o a tirar , e por como conuinha depois de entregue por El Rey ao Alferes mor comessando elle a caminhar embicou com ella duas uezes (fl. 80v)	acabada de benzer a bandeyra e a quizeraõ meter na astea com poco aduirtensia viraõ ao desenrrolar que ficaua o Cruxifijo com a cabesa para baixo e o escudo das quinas ao Reues, e tornando a tirar e por como conuinha depois de entregue por el Rey ao Alferes mor comessando elle a caminhar embicou com ella duas uezes (fl. 62r)	acabada de benzer a bandeira, E a quizeraõ meter na aste com pouca aduertencia uiraõ a o desenuoluer que ficaua o crucifixo com a cabeça para baixo, E o escudo das armas ao reuez, E tornando o a tirar , E por como conuinha, depois de entregue por El Rey ao Alferes mõr, comessando elle a caminhar, imbiou com ella duas ueses (fl. 60v)
daua o Adail por descarga que alem do seu capitam lhe ter dado ordem que naõ pelejasse com os mouros sem ordem sua (fl. 21v)	Dava o Adail descarga , que alem de lhe ter seu Capitaõ dado ordem, que naõ pegasse cõ os Mouros, sem elle lho mandar (fl. 108v)	Daua o Adail por descarga que Alem de seu Capitaõ lhe ter dado ordem que naõ pellejasse com os mouros sem ordem sua (fl. 57v)	Dava o Adayl por descargo , que alem do seu capitaõ lhe ter dado ordem para que naõ pegase com os mouros sem ordem sua (fl. 86r)	daua o Adail por descarga que alem do seu capitaõ lhe ter dado ordem que naõ pegase com os mouros sem ordem sua (fl. 66r)	Daua o Adahil por descargo que allem de o seu cappitaõ lhe ter dado ordẽ que naõ pegasse cõ os mouros sem ordẽ sua (fl. 65r)
fora temeridade meter se entre os mouros do xarife, e os outros, que facilmente se podiaõ auir (fl. 22r)	fora temeridade meter se cõ os Mouros do Xarife, e outros, que facilmente se podiaõ acordar (fl. 108v)	fora temeridade meter sse entre os mouros do xarife, e os outros, que facilmente se podiaõ auir voluendo sse todos contra os Christaõs (fl. 57v)	fora temeridade meter se entre os mouros do Xarife, e os outros, que facilmente se podia avir (fl. 86r)	fora temeridade meter se entre os mouros do Xeriffe, e os outros que facilmente se podiaõ hauer (fl. 66r)	fora temeridade meter sse entre os mouros do Xeriffe, e os outros que facilmente se podia hauir (fl. 65r)
voltou á redea solta com pouco honrroza fugida (fl. 22r)	-	voltou a Redea solta, com pouco honrosa fugida (fl. 58r)	voltou a redea solta com pouca honrosa fugida (fl. 86v)	voltou a redea solta com pouco honrosa fugida (fl. 66v)	voltou a redea solta com pouca honrosa fugida (fl. 65r)
a tempo que El Rey hia passando a hum bergantim para vir a Santos o velho (fl. 31r)	-	a tempo que El Rey ia passado a hum Bargantim para uir a santos o uelho (fl. 70v)	a tempo que El Rey era ja passado a hũ Bargantim para hir a sanctos o velho (fl. 104r)	a tempo que El Rey ja passado a hum bragantim para uir a santos o velho (fl. 79r)	a tempo que El Rey era já passado a hum Bergantim para hir a Sanctos o velho

Na lista acima, as lições (5), (7), (8) e (9) constituem erros partilhados por A₄ e T. A lição (9) representa um caso de difração. A lição original coincide, provavelmente, com a transmitida por A₃ ("a tempo que el-Rei ia passado a um bergantim"); A₁, ao deparar-se com esta *lectio difficilis*, banalizou-a para "ia passando"; por outro lado, a semelhança gráfica entre "ia" e "já" e a utilização das ramistas i/j terá produzido, no outro ramo da tradição, a lição que ainda se conserva em L₂ ("a tempo que el-Rei já passado a um bergantim") e que A₄ e T tentaram sanar acrescentando "era" ("a tempo que el-Rei era já passado a um bergantim"). Já a lição (6) é apenas uma de entre as muitas variantes equipolentes encontradas ao longo da colação, que assumem valor estemático apenas quando consideradas à luz dos erros significativos.

Considerando que T é mais antigo do que A₄ e L₂, e que os dois não foram copiados um do outro, importa perceber se T pode ter sido o antígrafo de um deles. Todavia, cada um dos três testemunhos contém erros privativos. Abaixo, dou um exemplo para cada testemunho:

A ₁	A ₂	A ₃	A ₄	L ₂	T
deuia Sua Alteza caminhar com a gente toda formada, que naõ seria muyto dar o negocio de si poder se chegar a Alcacer, que a elle lhe naõ parecia máo conselho (fl. 21v)	devia Sua Alteza caminhar com a gente toda reformada, que naõ seria muito dar o negocio de si, poder se chegar a Alcacere, que lhe a elle, naõ parecia mao conselho, (fl. 107v)	deuia Sua Alteza caminhar com a gente toda reformada, que naõ seria muito dar o negocio de ssy poder sse chegar a Alcaçere, que lhe a elle naõ paresia mao concelho (fl. 57r)	devia Sua Alteza caminhar com a gente toda reformada, que lhe a elle naõ pareceria maô concelho (fl. 85v)	deuia sua Altesa caminhar com a gente toda reformada que naõ seria muito dar o negosio de si poder se chegar a Alcaçere que lhe a elle naõ pareceria mao conselho (fl. 65v)	deuia Sua Alteza caminhar com a gente toda refformada que naõ siria muyto dar o negocio de sy poder sse chegar a Alcaçere que lhe a elle naõ parecia mao conselho (fl. 64v)
hum terço, que hum dia marchaua de vanguarda, ao outro dia em batalha, e ao outro em retaguarda, succedendo huns em lugar dos outros, por naõ auer melhoria, nem precedencia de huñs a outros, e isto foi assim athe o dia da batalha, em que só deo a vanguarda aos aventureiros (fl. 24v)	o Terço, que hum dia marchava de vanguarda, ao outro dia hia em Batalha, E ao outro em retaguarda, succedendo hüs en lugar de outros. E isto foi assy atê o dia da Batalha, por naõ aver melhoria de hüs a outros (fl. 112v)	hum terço que hum dia marchaua de vanguarda, ao outro dia em Batalha, e a outro em Retaguarda suçedendo hums em lugar dos outros, por naõ hauer melhoria, preçedēcia de hums a outros, e isto foj assi athe o dia da Batalha, em que só deu a viaguarda aos aventureiros (fl. 61r)	hum terço que hum dia marchaua de vanguarda, ao outro dia em Batalha, e a outro em Retaguarda suçedendo hums em lugar dos outros, por naõ hauer milhoria, ou preçedencia de hums a outros, e isto foi assim athe o dia da Batalha em que só deu a vanguarda aos Aventureiros (fl. 91v)	hū terço que hū dia marchava de vanguarda ao outro dia em Batalha, e ao outro em retaguarda, succedendo huns em lugar dos outros, por naõ hauer milhoria, por naõ hauer melhoria, presedensia huñs a outros, e isto foy assim athe o dia da batalha em que só deu a vanguarda aos auentureyros (fl. 69v)	hum terço que hum dia marchaua de uangoarda ao outro dia hia em batalha, em que só deu a uanguarda aos auentureyros (fl. 69r)
nem via suas Couzas ainda em estado de se poder querer tanto delle, pois o naõ tinhaõ posto em tanto aperto , que tiuesse razaõ de cuidar, que queria remir com dar fortalezas (fl. 29r)	nem via suas couzas ainda en estado de se poder querer tanto delle, pois o naõ tinhaõ posto en tanto aperto , que tivesse rezaõ de cuidar, que se queria remir com dar fortalezas (fl. 121r)	nem via suas couzas ainda em estado de se poder querer tanto delle pois o naõ tinhaõ posto em tanto aperto que tiuesse rezaõ de cuidar que queria Remir, com dar fortalezas (fl. 68r)	nem via suas couzas ainda em estado de se poder querer tanto delle pois o naõ tinhaõ posto em tanto aperto , que tiuesse razaõ de cuidar, que se queria remir com dar fortalezas (fl. 100v)	nem uia suas couzas ainda em estado de aperto que tiuessem rasaõ de cuidar que se queria rimir com dar fortalezas (fl. 76r)	nem uia suas couzas hunda em stado de se poder querer tanto delle, pois o naõ tinhaõ posto em tanto aperto que tiuesse rezaõ de cuidar que se queria rimir com dar fortalezas (fl. 75r)

A lição (10) é um erro privativo de A₄, a (11) é um erro privativo de T e a (12) é um erro privativo de L₂.

Assim, as variantes analisadas até agora permitem sustentar que A₄ e T pertencem a um ramo secundário diferente de L₂. A relação estemática entre os testemunhos da versão *memórias*, tal como delineada até aqui, pode ser representada como segue.

23 Este exemplo contém, ainda, uma variante de difração na primeira parte da lição (“melhoria, preçedēcia”/“melhoria, nem precedencia”/“melhoria”).

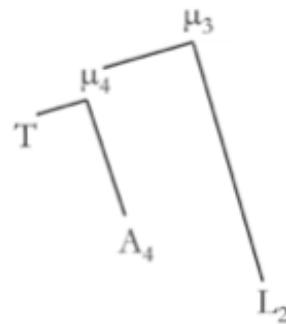


Figura 10. Proposta inicial de inclusão de T no estema

Para além das constatações expostas, porém, verifica-se que T partilha com A_4 numerosas variantes que o aproximam da versão de A_2 . Vejamos alguns exemplos:

A_1	A_2	A_3	A_4	L_2	T
quatro compa- nhias de soldados de Italia (fl. 18v)	quatro companhias de soldados Italia- nos (fl. 102v)	quatro compa- nhias de soldados de ytalia (fl. 53r)	quatro compa- nhias de soldados Jitalianos (fl. 80r)	quatro compa- nhias de soldados de Italia (fl. 61v)	4 companhias de soldados Jtallian- nos (fl. 60r)
e foi couza notael que ao tempo que acabaraõ de ben- zer a bandeira, e a quizeraõ meter na haste (fl. 19r)	Foi couza notavel, que acabada de benzer a Bandeira, a quizeraõ meter na astea (fl. 103r)	e foj couza notael que ao tempo que acabaraõ de Ben- zer a Bamdeira, e a quizeraõ meter na Aste (fl. 53v)	e foi couza notavel, que ao tempo que acabada de ben- zer a Bandeira, e a quizeraõ meter na aste (fl. 80v)	e foj couza notael que ao tempo que acabada de ben- zer a bandeyra e a quizeraõ meter na astea (fl. 62r)	E foi couza notael que ao tempo que acabada de ben- zer a bandeira, E a quizeraõ meter na aste (fl. 60v)
e a quinta feira pe- lla tarde na Bahia de Lagos (fl. 19v)	E a quinta feira, polla tarde lançou ferro na Bahia de Lagos (fl. 104r)	e a quinta feira pe- lla tarde na Bahia de lagos (fl. 54v)	e a quinta feira pe- lla tarde foi lançar ferro na Bahia de Lagos (fl. 81v)	e a quinta feira pe- lla tarde na baya de lagos (fl. 63r)	E a quinta feira pe- lla tarde foy lançar ferro na Bahia de Lagos (fl. 61r)
pellos segurar de alguñs ladroeñs, e naõ deixasse desenbarquar: O Capitam mor achando sse sobre a noute <i>muyto</i> abracado com a terra, fes hum bordo ao mar (fl. 19v)	pollos segurar de algüs ladroeñs, E naõ deixasse de- zembarcar pessoa nenhúa en terra até lhe mandar avizo para dezem- barçaõ . O Capitaõ mor achando sse sobre a noite mui abraçado com a terra, fez hum bordo ao mar (fl. 104v)	pellos segurar de algums ladroëns, e naõ deixasse de- sembarcar o Capitam mor açhando sse sobre a noite muy abracado com terra, fez hum bordo ao mar (fl. 54v)	pellos segurar de alguñs ladroëns, e naõ deixasse de- sembarcar em ter- ra pessoa nenhua athe lhe mandar ordem donde havia de desem- barcar . O Capitaõ mor achando se sobre a noite mui abraçado com terra, fes hñ bordo ao mar (fl. 82r)	pellos segurar de Alguñs Ladroëns e naõ deychase dezembarcar, o Capitaõ mor achando se sobre a noite muy abra- sado com terra fes hum bordo ao mar (fl. 63r)	pellos sigurar de algüs ladroeñs, e naõ deixasse de- zembarcar em Ter- ra pessoa alga, athe lhe mandar ordẽ donde hauia de dezembarcar , O Cappitaõ mor achando sse sobre a noute ,uy abra- sado com terra, fez hum bordo ao mar (fl. 61v)
porque o Xarife contra o geral custu- me dos mouros custuma sentar se em cadeyra alta (fl. 20v)	O Xarife, contra vzo dos Mouros, se sentava en cade- ira alta (fl. 106v)	porque o xerife contra o Geral costu- me dos mouros, costuma sentar sse em Cadeira alta (fl. 56r)	o Xarife contra o geral costume dos mouros costuma- va sentar se em cadeyra alta (fl. 83v)	o xerife contra o geral costume dos mouros custuma- ma sentar sse em cadeyra alta (fl. 64v)	o Xerife contra o geral custume dos Mouros custu- mua sentar sse em cadeira alta (fl. 63r)

e d'alem do Facho auizou Dom Duarte a El Rey, que leva- ria (fl. 21v)	E dalem do facho auizou Dom Duarte a El Rey da ordem que levava (fl. 107v)	E dalem do façho auizou Dom Duarte a El Rey que leuaria (fl. 57r)	e dalem do facho auizou Dom Duarte a El Rey da ordem que levava (fl. 85v)	e dalem do facho auizou Dom Duarte a el Rey da ordem que leuaria (fl. 65v)	e d'alem do fa- cho auizou Dom Duarte A El Rey da orde que leuaua (fl. 64v)
dizendo que o fazia por dar lugar a que a carriagem to- masse alento que vinha muy canca- da, outros diziaõ que era a Cauza outra (fl. 24v)	dizendo, que o fazia, por dar lugar a que a carruajem tomasse alento, que vinha <i>mu</i> to cansada, inda que outros diziaõ , que era a cauza outra (fl. 113r)	dizendo que o fazia por dar lugar a que a carriagem to- masse alento que vinha muj cançada, inda que o fazia por dar, outros diziaõ que hera a cauza outra (fl. 61v)	dizendo que o fazia por dar lugar a que a carriagem to- masse alento que vinha muy cansada, inda que outros deziaõ que era a cauza outra (fl. 91v)	dizendo que o fazia por dar lugar a que a carruagẽ tomasse alento que vinha muy cansada inda que o fazia por dar, outros deziaõ que era a causa outra (fl. 70r)	dizendo que o fazia por dar lugar a que a carriagẽ tomasse allento que uinha muy cansada, hind que outros diziaõ que era a cauza outra (fl. 69)
Almenara, que por diametro está de Arzilla pouco maes de duas legoas, mas para chegar a elle se rodearaõ perto de tres (fl. 24v)	Almenara, que por diametro dista de Arzilla pouco mais de duas leguas; mas para chegar a elle, se rederaõ nestes dois dias perto de tres (fl. 113r)	Almenara, que por diametro, está de Arzilla pouco mais de duas legoas, mas pera chegar a elle se Roderaõ perto de tres (fl. 61v)	Almenara, que por diametro dista de Arsila poco mais de duas legoas, mas para chegar a elle se rodearaõ nestes douis dias perto de tres (fl. 91v)	Almenara que por diametro dista de Arzilla poco mais de duas legoas mas para chegar a elle se rodearaõ perto de tres (fl. 70r)	Almenara, que por diametro dista de Arzilla poco mais de duas le- goas, mas para se chegar a elle se roderaraõ nestes 2 dias perto de 3 (fl. 69r)

No trabalho de 2025, tendo constatado que A₄ apresenta diversas soluções semelhantes à lição de A₂, sugeri que as variantes (15) e (16) da lista acima poderiam ser interpretadas como casos de contaminação. No entanto, a lição do testemunho T e a proposta de estema aqui apresentada permitem uma revisão desta leitura.

Verifica-se, com efeito, a existência de lugares críticos em que A₂, A₄ e T conservam a lição correta (caso da variante (16)) bem como de lugares críticos em que partilham um erro comum (como na variante (19), exemplo de *lectio facilior*) e, ainda, de lugares críticos em que estes testemunhos concordam numa variante equipolente (variantes (13), (18) e (20)). Noutros casos (variantes (15) e (17)), embora a lição de A₂ represente uma reformulação, observa-se uma maior proximidade entre este testemunho e A₄ e T do que em relação aos restantes. Por fim, a lição (14) representa um caso de difração *in praesentia*: A₁ e A₃ preservam a lição correta, enquanto μ₃ transmite aos seus apógrafos a lição errónea; A₂ tenta saná-la.

Com base nestas considerações, parece agora possível, mais do que uma hipótese de contaminação, sugerir que A₂ tenha afinidade com (um testemunho próximo de) μ₄.

Embora as variantes acima pareçam bastante inequívocas, há outras cuja leitura exige mais cautela. Em primeiro lugar, regista-se um caso em que T e A₂ conservam a lição correta, em oposição a todos os outros testemunhos.

A ₁	A ₂	A ₃	A ₄	L ₂	T
hum tropel de mouros luzidos vinha dar nos alarues, que tinhaõ e leuauaõ a El Rey prezo, como deraõ, e sobre lhe tirarem o catiuo, que pellos dezpojos auião por grande, e elles com magoa de Ihe tirarem dizem que o mataraõ (fl. 12v)	hū tropel de Mou- ros luzidos vinhaõ dar nos alarves, que tinhaõ, e levavaõ a El Rey prezo, como deraõ, e sobre lhe tirar o Catiuo, que pollos despojos auião por grande, e elles com magoa de o per- derẽ , dizem que o mataraõ (fl. 95v)	hum tropel de mouros luzidos vinha dar nos Ala- rues que tinhaõ, e leuaraõ a El Rey prezo, como deraõ, E sobre lhe tirarem o Catiuo que pellos despojos auião por Grandes, e elles com magoa de o prenderem dizem que o mataraõ (fl. 43r)	hū tropel de Mou- ros luzidos vinha dar nos alarues que tinhaõ, e leva- raõ a El Rey prezo, como deraõ, e sobre lhe tirarem o Catiuo que pellos despojos haviaõ por grande, e elles com magoa de o prenderem dizem que o mataraõ (fl. 65v)	hum tropel de Mouros luzidos vinha dar nos Ala- rues que tinhaõ, e leuaraõ a El Rey prezo como deraõ, e sobre lhe tirarem o Captiuo que pe- llos despojos auião por grandes, e elles com Maugoa de o prenderem dizem que o mata- raõ (fl. 46v)	hum tropel de Mouros luzidos uinhaõ dar nos allarues, que ti- nhaõ, e leuaraõ a El Rey prezo como deraõ, E sobre lhe tirarõ o catiuo que pellos despejos hauiaõ por Grande, E elles com magoa de o perderẽ , dizẽ que o mataraõ. (fl. 45r)

Proponho que esta variante constitua mais um caso de difração: segundo esta hipótese, a lição “prenderem”, equivocada, remontaria ao arquétipo, sendo as variantes transmitidas por A₁, A₂ e T tentativas de a emendar. No ramo μ₂, A₁ opta por “tirarem”, ao passo que A₂ e T apresentam o coerente “perderem”. Para sustentar esta hipótese, importa lembrar que tanto A₁ como A₂ contêm outras variantes inequivocamente intencionais: enquanto o primeiro conserva diversas tentativas de emendar lições incongruentes²⁴, A₂ transmite uma versão reformulada das *memórias*, cuja redação pressupõe, pelo copista/refundidor, um grau razoável de atenção à coerência do texto-base. A este indício soma-se o facto de que a lição em análise ocorre num “contexto de baixa alternância” – em que apenas se admitem, sem inconsistência, duas ou três variantes²⁵.

Para além deste, há dois lugares críticos em que os testemunhos A₄ e L₂ coincidem numa lição errónea, ao passo que T conserva a lição correta. Em ambos os casos, contudo, parece-me que se trata de erros potencialmente poligenéticos e/ou de fácil correção – portanto, não significativos aos fins estemáticos.

24 Como expus em Lombardo (2025: 262-264), trata-se de correções de erros evidentes (“a infantaria pudera **ter** muy pouco effeito” – A1, fl. 22r / “a ynfantaria podera **ser** muj pouco effeito” – A3, fl. 58r), mas também de *lectiones faciliiores* (“dizendo que o fazia por dar lugar a que a carriagem tomasse alento que vinha muy cançada, **outros diziaõ que era a Cauza outra**” – A1, fl. 24v / “dizendo que o fazia por dar lugar a que a carriagem tomasse alento que vinha muj cançada, **inda que o fazia por dar, outros deziaõ que hera a cauza outra**” – A3, fl. 61v).

25 Este conceito deve-se a Cristina Sobral: “I consider a context of low alternation to be one in which only two or three variants are admitted, without inconsistency and without a change in meaning. For example, in the phrase *The feline that slept at the window had a yellow stripe along its tail*, the colour of the stripe alternates from 1 to 5, as it can vary between all the colours that can be found on a cat's tail (white, brown, black, grey, yellow). However *feline* has a low alternation, since it can only be replaced by *cat*” (Sobral, 2023: 214). Aproveito para agradecer à Prof.^a Sobral os comentários e as sugestões que estiveram na base da formulação da hipótese relativa a esta variante.

A ₁	A ₂	A ₃	A ₄	L ₂	T
o acontecimento do Albequerim fora para junto com os maes voltarem a elle (fl. 22r)	da resoluçao do Albequerin, en se arremeçar a elles, que tinha para si fora só a fim de o meter a elle E aos Christaõs na esca-ramuça, e voltarẽ entaõ todos contra elles (fl. 108v)	o acontessimento do Albacarim fora para yunto com os Mais voltarem a elle (fl. 57v)	o acontecimento do Albacarim fora para junto e os mais voltarem a elle (fl. 86r)	o acontecimento do Albacarim fora para junto e os mais voltarem a elle (fl. 66r)	o acontecçimento do Alcassarim fora para junto cos mais uoltarẽ a elle (fl. 65r)
Tres somanas auia, que El Rey tinha seu campo alojado junto aos muros de Arzilla (fl. 22r)	Tres somanas avia, que El Rey tinha alojado seu campo, junto aos muros de Arzilla (fl. 109r)	Tres somanas auia que El Rey tinha seu Campo Alojado junto aos muros de Arzilla (fl. 58v)	Tres semmanas havia que El Rey tinha seu campo alojado junto aos Mouros de Arzila (fl. 87r)	Tres somanas hauia que èl Rey tinha seu campo alojado junto aos mouros de Arzilla (fl. 67r)	Tres somanas hauia que El Rey tinha seu campo alojado junto aos muros de Arzilla (fl. 66r)

O primeiro erro explica-se facilmente pela semelhança entre as figuras das letras "e" e "c". O segundo decorre da semelhança entre as duas palavras, reforçada por um eco contextual. Em ambos os casos, confirma-se a tendência do testemunho T para a emenda de erros evidentes, o que aponta, de modo mais geral, para um processo de cópia marcado por uma leitura atenta do antígrafo.

4.

Considerações finais

Tendo em conta o conjunto de elementos apresentados, resta apenas formalizar a proposta atualizada de estema da versão memórias da *Crónica do Xarife Mulei Mahamed e d'el-Rey D. Sebastião*, conforme ilustrado na Figura 11.

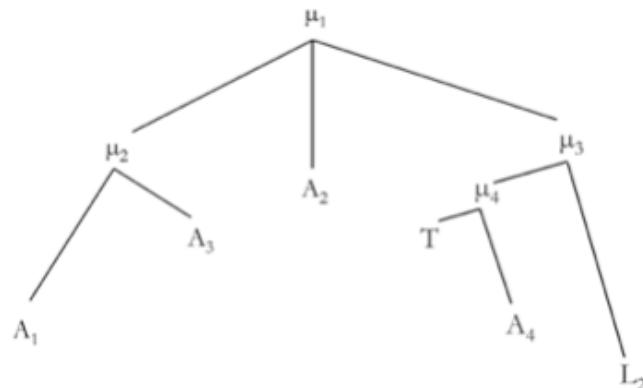


Figura 11. Proposta atualizada de estema da versão *memórias* da CXMM

Referências bibliográficas

- Brocardo, Maria Teresa (ed.) (1997). *Crónica do conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara*. Edição e Estudo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cadarso, Pedro Luis Lorenzo, & Moreno, Agustín Vivas (2004). (2004). *Lecciones de archivística general y documentación del patrimonio histórico*. Badajoz: @becedário.
- Garcia, José Manuel (2011). "A Batalha de Alcácer-Quibir e a cronística portuguesa". Em *Portugal e o Magrebe. Actas do 4.º Colóquio de História Luso-Marroquina/Actes du IV Colloque d'Histoire Maroco-Lusitanienne*, 377-385. Lisboa/Braga: Centro de História de Além-Mar e Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- Lemaire, Jacques (1989). *Introduction à la codicologie*. Louvain-la-Neuve: Institut d'Études Médiévales.
- Lombardo, Elena (2015). *Do "grande incêndio que com tam raro movimento a Berberia perturbou": estudo e edição diplomática de um relato histórico quinhentista*. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Lombardo, Elena (2025). *A "Crónica do Xarife Mulei Mahamed e d'el-Rey D. Sebastião": edição e estudo*. Tese de Doutoramento em Crítica Textual. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Lombardo, Elena, & Moreira, Filipe Alves (2019). "Edição de crónicas e relatos sobre D. Sebastião: balanço e perspetivas", *Acta Iassyensia Comparationis*. Special issue 2019 *Magellan & Elcano 500. Circumnavigation to globalization*, 47-60. Disponível em <https://hdl.handle.net/10216/138087> (Consultado em 10.11.2025).
- Muzerelle, Denis (1985). *Vocabulaire codicologique: répertoire méthodique des termes français relatifs aux manuscrits*. Paris: Editions CEMI.
- International Association of Paper Historians (2013). *Norma Internacional para o Registo de Papéis com ou sem marcas de água*. 2013. Disponível em <http://www.paperhistory.org/Standards/> (Consultado em 10.11.2025).
- Nunes, Eduardo Borges (1969). *Álbum de Paleografia Portuguesa*. Volume I. Lisboa: Centro de Estudos Históricos.
- Portugal. Instituto Português de Arquivos, Direção de Serviços de Arquivística, Divisão de Informática (1990). *Arquivo da Casa de Palmela: Inventário* [Documento dactilografado]. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Instrumento de descrição, L668.
- Portugal. Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo. Direção de Serviços de Arquivística (2005). "Casa Palmela". Em Farinha, Maria do Carmo Jasmins Dias, et al. (coords.). *Guia geral dos fundos da Torre do Tombo: Colecções, arquivos de pessoas singulares, de famílias, de empresas, de associações, de comissões e de congressos*, Vol. 6, 210-214. IAN/TT.
- Santos, Maria José Ferreira dos (2015). *Marcas de Água, séculos XIV – XIX: Coleção TECNICEPA*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.
- Sobral, Cristina (2023). "Transcription errors and typologies: A contribution", *Studia Neophilologica*, 95(2), 212-225, DOI: <https://doi.org/10.1080/00393274.2021.2013132>.



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega)

Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidade de Santiago de Compostela (España)

Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)
Xavier Varela Barreiro, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)
Maria Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes
e Alto Douro (Portugal)

Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Ângela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)
Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Universidade da Coruña (España)
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)
Maria Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Marta Segarra, CNRS (Francia) / Universitat de Barcelona (España)
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)
Rafael Lluís Ninoyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciencia,
Generalitat Valenciana (España)

